

## AUTOMEDICAÇÃO NA TERCEIRA IDADE, SEU PERFIL E AS POSSÍVEIS CAUSAS

Fernando Emanuel de Sousa Ferreira<sup>1</sup>  
Matheus Merson de Araújo Silva<sup>2</sup>  
Luana Sayuri Okamura<sup>3</sup>  
Kaltz Victor Souza Silva<sup>4</sup>

### RESUMO

O envelhecimento é um processo inevitável, sistêmico e gradativo, onde há diversas modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas, diminuindo a capacidade de manutenção da homeostasia, conseqüentemente reduzindo a capacidade de adaptação de um indivíduo ao seu ambiente de vivência. Nessa faixa etária a automedicação é bastante frequente e consiste na utilização de medicamentos para tratar algumas doenças consideradas autodiagnosticadas ou sintomas, essa prática é entendida como um dos elementos do autocuidado se utilizado de forma correta. O profissional farmacêutico é o agente de saúde com maior facilidade de alcance. Trata-se de um estudo epidemiológico, O material bibliográfico selecionado teve como critérios de inclusão os títulos e resumos que continham identificação com o tema no período equivalente de 2005 a 2019. O estudo mostrou que a classe de medicamentos mais citados e utilizados na automedicação pelos idosos foram os analgésicos para aliviar as dores, também foram observados fatores que contribuem para a automedicação como baixa renda e educação, indicação de familiares e prescrições anteriores. O profissional farmacêutico deve assumir a responsabilidade de ser promotor da saúde e contribuir de forma ativa e positiva para o uso racional de medicamento. Então deve-se tomar atitudes urgente visando a mudança deste cenário de consumo excessivo de medicamentos, como melhorar a fiscalização e a reorganização da dispensação e propaganda de

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, [ferdnan2010@hotmail.com](mailto:ferdnan2010@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [matheus\\_merson@hotmail.com](mailto:matheus_merson@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [sayuriokamura1.1@gmail.com](mailto:sayuriokamura1.1@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientador: Graduado pelo curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [kaltzvss@gmail.com](mailto:kaltzvss@gmail.com)

[Digite aqui]

medicamentos, e a introdução da educação em saúde pelos profissionais da área da saúde, em especial o farmacêutico.

**Palavras-chave:** automedicação, idoso, saúde.

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo inevitável, sistêmico e gradativo, onde há diversas modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas diminuindo a capacidade de manutenção da homeostasia, reduzindo a capacidade de adaptação de um indivíduo ao seu ambiente de vivência. O Brasil vive uma rápida e intensa mudança com no perfil da faixa etária na sociedade, isso se dá pela redução da fecundidade e do consequente aumento da expectativa de vida, aumentando as pessoas idosas no país. As pessoas com mais de 65 na década de 1970 representava cerca de 3,1% da população. No ano de 2025 estima-se que essa parcela da população corresponderá a aproximadamente 19% da população brasileira. Com o envelhecimento da população há um crescente evento com relação às doenças geriátricas, dentre elas a incontinência urinária (DE MELO et al., 2017).

A automedicação consiste na utilização de medicamentos de forma inapropriada, usada por pessoas para tratar algumas doenças consideradas autodiagnosticadas ou sintomas, essa prática é entendida como um dos elementos do autocuidado. A mesma representa economia tanto para o indivíduo quanto para o sistema de saúde, interrompendo os congestionamentos nos serviços disponibilizados. Já a automedicação irracional, aumenta o risco de adquirir eventos adversos e de mascaramento de algumas doenças, retardando o devido diagnóstico. Neste caso, tratamentos mais complexos, invasivos, caros e com recuperação mais lenta podem tornar-se necessários (SCHMID; BERNAL; SILVA, 2010).

A automedicação é um tipo de autocuidado à saúde, definida como a seleção e uso de medicamentos para manutenção da saúde, prevenção de enfermidades, tratamento de doenças ou sintomas perceptíveis pelas pessoas, com a ausência da prescrição, orientação ou o acompanhamento do médico é uma prática bastante comum na população brasileira. A familiaridade com o medicamento, experiências passadas positivas, a função figurada que os medicamentos desempenham sobre a população, e a grande dificuldade a promoção dos

[Digite aqui]

serviços de saúde, são fatores que contribuem para o aumento da automedicação (OLIVEIRA et al., 2012).

O estudo é de suma importância, pois levanta dados epidemiológicos e tem como objetivo verificar, avaliar a automedicação na terceira idade, identificar os fármacos mais utilizados, como também o perfil socioeconômico e as possíveis causas da automedicação.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento do presente estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica, utilizando as bases de dados Science Direct, Scielo, Pubmed, Periódicos Capes, Google Acadêmico, foram utilizados como descritores idosos, farmacoterapia e automedicação.

O material bibliográfico selecionado teve como critérios de inclusão os títulos e resumos que continham identificação com o tema, foram selecionados 20 artigos, no período equivalente de 2005 a 2019, esse apresentaram informações muito importantes para o desenvolvimento do referido estudo. Artigos não pertinentes ao assunto ou que não registraram informações peculiares e pontuais acerca do assunto, foram excluídos

## **DESENVOLVIMENTO**

O envelhecimento populacional tem causado novas demandas sociais, econômicas, sanitárias e, diante da importância crescente deste segmento, estudos realizados com a população idosa constituem um tema emergente nas diversas áreas de conhecimento. A morbidade dentro da população idosa caracteriza-se pela preponderância de doenças crônicas e múltiplas de longa duração, necessitando de acompanhamento, cuidados permanentes e exames periódicos. O idoso aproveita mais os serviços de saúde, as internações hospitalares são mais comuns do que entre adultos e o tempo em que o paciente idoso fica no leito é maior quando comparado a outras faixas etárias. O aumento da prevalência de doenças crônicas com a idade demanda um maior consumo dos medicamentos, que constituem um dos itens mais importantes da atenção à saúde do idoso, e requer, cada vez mais, a racionalidade da terapia medicamentosa (OLIVEIRA et al., 2012).

[Digite aqui]

Com as alterações da estrutura etária da população, identifica-se mudanças epidemiológicas, com a mudança das principais causas de morte por doenças de caráter agudo, por doenças consideradas crônico-degenerativas como exemplos diabetes, acidente vascular cerebral, neoplasias, hipertensão arterial, demência senil entre outras, que tornam-se problemas de longa duração e envolvem, para um atendimento apropriado grande quantidade de recursos materiais e humanos. No Brasil, um estudo fundamentado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) indicou que 50% dos idosos têm renda própria menor que um salário mínimo e o gasto médio mensal com medicamentos utiliza aproximadamente um quarto da renda (MARIN et al., 2008).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declara que mais de 50% dos medicamentos são prescritos ou dispensados de forma inapropriada e que 50% dos pacientes utilizam medicamentos de maneira errada levando ao aumento do índice de morbidade e mortalidade. Os principais tipos de uso irracional de medicamentos estão intimamente relacionados às pessoas que fazem uso da polifarmácia, uso incorreto de antibióticos e de medicamento injetável, a automedicação e a prescrição em total desacordo com as diretrizes clínicas (MARIN et al., 2008).

São imensuráveis os benefícios terapêuticos alcançados com o uso devido e correto dos medicamentos. Contudo, seu alto consumo entre os idosos pode provocar riscos à saúde. Os idosos utilizam em média dois a cinco medicamentos durante o dia e são especialmente mais sensíveis a efeitos adversos, interações medicamentosas e toxicidade, muito comum nessa faixa etária. Na população idosa, estudos apontam a predominância do uso de medicamentos prescritos, é comum também encontrar prescrições de doses e indicações inadequadas, redundâncias e o uso de medicamentos sem um devido valor considerado terapêutico. É bastante comum o consumo de medicamentos sem prescrição de profissionais de saúde habilitados, caracterizando a automedicação, tornando-se um grande problema devido a esse uso pela população idosa (OLIVEIRA et al., 2012).

O profissional farmacêutico é o agente de saúde com maior facilidade de alcance, sendo esse muitas vezes o último profissional em contato com o paciente, é encontrado nas farmácias e drogarias do Brasil. Esses profissionais têm importante atuação, pois pode contribuir muito para a população e melhorar, a situação atual da saúde pública no país. A

[Digite aqui]

automedicação se tornou uma conduta comum no Brasil, é uma forma de autocuidado, onde o consumo de medicamentos sem orientação e prescrição profissional, para tratar e aliviar sintomas (ARRAYS, 2002). O fato de o indivíduo executar a automedicação, sem parâmetros técnicos e o devido acompanhamento profissional, classifica essa prática como uso irracional de medicamentos (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2014).

O autocuidado é um grupo de ações desenvolvidas pelas pessoas sobre si mesmas, visando estabelecer e manter a saúde, prevenir e lidar com suas doenças. Esse conceito é amplo, e abrange: higiene geral e pessoal, nutrição, tipo e qualidade do alimento ingerido, estilo de vida, atividade física, lazer, fatores ambientais, condições de vida, hábitos sociais, fatores socioeconômicos, nível de renda, crenças culturais e automedicação. As plantas medicinais também foram consideradas como parte da automedicação. A população idosa como sabemos, está mais sujeita aos problemas agudos e crônicos. Neste cenário, estes indivíduos tornam-se grandes consumidores de medicamentos, constituindo o grupo mais medicalizado na sociedade. Assim, muitas vezes para ter alívio dos problemas que os afligem, na presença de quaisquer sintomas, especialmente os mais comuns, como os decorrentes de “virose banais”, o idoso busca a automedicação como solução (CASCAES; FALCHETTI; GALATO, 2008).

Estudos epidemiológicos de base populacional têm mostrado que, entre idosos, existem diferenças no padrão de consumo de medicamentos prescritos e não prescritos, sendo aqueles mais consumidos do que estes. Os medicamentos que atuam sobre o sistema cardiovascular são a categoria terapêutica mais utilizada entre os prescritos, ao passo que, entre os não prescritos, prevalecem os analgésicos. Em geral, o consumo de medicamentos prescritos é associado ao sexo feminino, às faixas etárias mais elevadas, à utilização de serviços de saúde (visitas médicas e hospitalização) e a um pior estado de saúde. Por sua vez, o consumo de medicamentos não prescritos é observado com maior frequência no sexo feminino, sendo esta a variável mais consistentemente associada a tal prática (FILHO et al., 2005).

Sugestões terapêuticas utilizando o uso de vários medicamentos simultaneamente são inapropriadas e podem gerar sérias consequências para os idosos, podendo se tornar fatais, pois há alterações no metabolismo produzidas pelo avanço da idade. A não adesão ao

[Digite aqui]

tratamento farmacológico, as reações adversas, as interações medicamentosas, os altos gastos com medicação e hospitalizações são as principais consequências da prática da polifarmácia (OLIVEIRA et al., 2012).

Os medicamentos representam um dos itens mais importante à saúde do idoso e necessitam de atenção especial. A automedicação (utilização de medicamentos sem prescrição) é extremamente comum e se constitui como um importante fator de risco para a saúde dos idosos, devido às peculiaridades fisiológicas que representam essa população como alterações de massa corporal, diminuição da proporção de água, diminuição das taxas de excreção renal e do metabolismo hepático, as quais influenciam na eliminação do metabólito, no acúmulo de substâncias tóxicas no organismo e na produção de reações adversas (MONTEIRO; AZEVEDO; BELFORT, 2014).

O idoso apresenta alterações em suas funções fisiológicas consideráveis e que não devem ser desconsideradas. Essas alterações afetam diretamente a farmacocinética, sendo diferente de pessoas mais jovens, há também uma maior sensibilidade com relação aos efeitos terapêuticos e adversos dos fármacos. Alguns medicamentos são considerados inapropriados para idosos pela diminuição de sua eficácia terapêutica e pelo aumento do risco de efeitos adversos que superam seus benefícios (SANTOS et al., 2013).

Estima-se que 30% da busca por hospitais por parte de pacientes idosos são relacionadas a problemas com medicamentos, um exemplo são os efeitos tóxicos advindos do seu uso. Problemas relacionados a medicamentos (PRMs) são problemas de saúde que se relacionam com à farmacoterapia, a origem pode ser identificado a partir do sistema de saúde, em fatores biopsicossociais, no atendimento prestado pelos profissionais de saúde e na utilização de vários medicamentos, interferindo nos resultados terapêuticos e na qualidade de vida do usuário. Os problemas relacionados a medicamentos (PRMs) foram associados a uma alta mortalidade anual de 106 mil indivíduos, com um custo de US\$ 85 bilhões. No Brasil, o impacto desses problemas relacionados a medicamentos sobre as internações de idosos continuam a serem determinados. Os estudos disponíveis sobre o sistema oficial de informações hospitalares deixam de explorar possíveis motivos medicamentosos como causa para as internações observadas. Os dados brasileiros mostram que medicamentos são responsáveis por 28% dos casos de intoxicação humana no país e por 6,6% do total de

[Digite aqui]

admissões hospitalares, sem haver uma previa avaliação específica do segmento idoso. Muitos desses problemas são previsíveis em pacientes idosos, como a ocorrência de depressão, confusão e constipação, além dos casos de imobilidade ocasionando quedas e decorrência de fraturas ósseas relacionados ao uso de determinadas medicações (BORTOLON et al., 2008).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O estudo verificou que com relação à automedicação, 67% dos idosos disseram que já realizaram a prática de automedicação em algum momento (últimos quinze dias que antecederam a participação no estudo), dentre os quais 56,71% se encontravam na faixa etária de 60 a 70 anos. A automedicação teve prevalência maior no sexo feminino (68,65%) do que no masculino (31,35%). Foi identificado que entre os participantes que declararam fazer a prática de automedicação, 62,69% tinham renda familiar de até um salário mínimo e a maioria possui apenas o ensino fundamental incompleto (53,74%) (MONTEIRO; AZEVEDO; BELFORT, 2014).

O estudo mostrou também que os medicamentos mais citados e utilizados frequentemente na automedicação pelos idosos foram em primeiro lugar os analgésicos seguidos dos anti-inflamatórios com 46,15% e 22,31%, respectivamente. Em relação à indicação para o uso do medicamento 37,04% relataram utilizar por conta própria, seguido de 17,28% que realizam a automedicação por indicação de algum familiar. Quanto ao tempo da utilização do medicamento e leitura da bula, 35% o consumiram apenas em um dia e 28,4% declararam que não possuem o hábito de ler a bula do medicamento, respectivamente (MONTEIRO; AZEVEDO; BELFORT, 2014).

Um estudo realizado na cidade de Goiânia, no estado de Goiás, que envolveu o uso de medicamentos por idosos, mostrou que entre os medicamentos envolvidos na prática de automedicação, os analgésicos e relaxantes musculares foram os mais usados, de um total de 461 casos de automedicação, 142 correspondem a analgésicos e relaxantes musculares. Um dado muito importante que o estudo demonstrou, foi à correlação entre o nível escolar e a prática da automedicação, quanto menor a escolaridade, maior a realização dessa prática (SANTOS et al., 2013).

[Digite aqui]

Vários fatores podem induzir a prática de automedicação no Brasil. De acordo com Urbano e colaboradores (2010), vários casos de automedicação são induzidos com base em prescrições antigas e por indicações de terceiros. Um fator que atribui à prática da automedicação é o sintoma bastante comum, a dor, assim levando o paciente a procurar meios para uma solução rápida e fácil, então aí que entra a automedicação como forma de resolução do sintoma ((FERNANDES; CEMBRANELLI, 2014).

Entre as pessoas que adquiriram medicamentos sem receita, 86,88% solicitaram orientação farmacêutica e 13,12% não buscaram nenhum tipo orientação de profissionais. As classes de medicamentos mais utilizadas neste estudo por meio da automedicação foram novamente os analgésicos/antitérmicos (76,23%), anti-inflamatórios (54,1%) e xaropes para tosse (50%), antibióticos (36,06%), medicamentos para gripes e resfriados (45,08%), validando a distribuição observada em estudos anteriores e na literatura (SANTELLO et al., 2013).

Podemos ressaltar que a automedicação é um elemento do autocuidado, mas se realizado de forma responsável, para não causar prejuízos à saúde das pessoas. É importante a prática e a educação em saúde de maneira contínua com os profissionais da área da saúde, para que se tornem multiplicadores de informações acerca do uso racional de medicamentos, e também com os usuários dos serviços de saúde para que se tornem peças chave no autocuidado (MONTEIRO; AZEVEDO; BELFORT, 2014).

O estudo do Projeto Bambuí sobre automedicação em pessoas maiores de 60 anos, mostrou que a essa prática é mais elevada na faixa etária de 60-69 anos, os mais jovens tendem a se automedicar mais. Segundo Rozenfeld, a percepção de que os idosos são mais suscetíveis aos efeitos adversos dos medicamentos e que seus quadros clínicos são mais sensíveis e requerem um acompanhamento especializado para diminuir a automedicação nas faixas etárias mais elevadas. Os medicamentos que atuam no sistema nervoso central, como por exemplo, os analgésicos, são os mais utilizados entre os que se automedicam, concordando com outros estudos sobre o tema. A automedicação com antibióticos também constitui preocupação mundial, tendo em vista o aumento do problema com relação a cepas resistentes (SCHMID; BERNAL; SILVA, 2010).

[Digite aqui]



O profissional farmacêutico tem um papel muito importante para reverter esse cenário e deve ser encarado como um agente da saúde responsável por ofertar orientações confiáveis sobre medicamentos, baseando-se no seu amplo conhecimento sobre o tema. A farmácia hoje é uma porta de acesso primário à saúde em nosso país, sendo o farmacêutico bastante procurado, em alguns casos antes de um serviço hospitalar. A atenção farmacêutica é a ferramenta bastante utilizada pelo profissional farmacêutico, tem como objetivo promover o uso correto e racional dos medicamentos e sempre buscando conscientizar a população sobre a importância dessa prática, enfatizando a necessidade da presença do farmacêutico em todas as farmácias e drogarias do país (SOUSA et al. 2008).

Uma pesquisa realizada por Fernandes; Cembranelli, (2014), demonstrou que a maioria da população possui pouca informação sobre medicamentos, apresentando muitas dúvidas sobre a maneira correta de utilizá-los, e sobre a indicação terapêutica dos fármacos. É aí que entra a atribuição do profissional farmacêutico, a atenção farmacêutica que pode ser utilizada como estratégia para buscar o uso racional de medicamentos, onde o paciente irá receber várias informações e orientações com o objetivo de maximizar a e melhorar a farmacoterapia (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2014).

O profissional farmacêutico passou por várias dificuldades diante da sua trajetória, e atualmente encontra-se em um momento único e importante, pois tem a oportunidade de atuar na linha de frente, por meio da atenção farmacêutica, isso se deve também pela carência que a população encontra para ter acesso a serviços de saúde de qualidade (VIERA, 2007). Desse modo, o profissional farmacêutico deve buscar assumir a responsabilidade de promover a saúde e contribuir de forma positiva para o uso racional de medicamento, contribuindo com a população brasileira e ajudando a desafogar a saúde pública do país (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2014).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A automedicação é uma prática utilizada por milhares de pessoas e que poderá ocasionar sérias consequências. Alguns fatores contribuem para essa atitude dos idosos, entre eles, a dificuldade que encontram em ter acesso a serviços médicos com facilidade. As propagandas de medicamentos na

[Digite aqui]

mídia são também grandes promotoras da automedicação, uma vez que passam a ideia de que não é necessário buscar auxílio para tomar um medicamento para os sintomas cotidianos, como dores. Muitas atitudes devem ser tomadas para a mudança deste cenário de consumo excessivo de medicamentos, como a melhoria da fiscalização e a reorganização das normas para dispensação e propaganda de medicamentos. Várias medidas já estão sendo tomadas através de legislações. A automedicação deverá ser um instrumento para a promoção da saúde, direcionada através de programas institucionais que visem conferir um grau de autonomia ao paciente. É um tema de extrema importância para a saúde pública nacional, já que os profissionais de saúde estão diretamente envolvidos neste contexto e a população é afetada diretamente pelas consequências, sejam elas positivas ou negativas. Os resultados do estudo mostram que, apesar de ser um risco a saúde, a automedicação tem alta prevalência entre os idosos. Também apontam que entre os medicamentos mais utilizados estão os analgésicos para mitigar a dor, fato este que pode ser relacionado ao fácil acesso a esse tipo de medicamento, às farmácias domiciliares e às condições de saúde desta população. O estudo vem somar a outros já realizados no Brasil no sentido de enfatizar a necessidade de promoção do uso racional de medicamentos neste segmento populacional, enfatizando a prática da atenção farmacêutica, contemplando a promoção e a educação em saúde.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, R.; TELLES FILHO, P. C. P.; PINHEIRO, M. L. P.; BODEVAN, E. C.; PEREIRA JÚNIOR, A. C.; CAMBRAIA, R. P. Automedicação em idosos de estratégias de Saúde da Família. **Rev. enferm. UFPE online**, v. 11, n. supl. 2, p. 890-897, 2017.

BEZERRA, T. A.; DE BRITO, M. A. A.; COSTA, K. N. F. M. Caracterização do uso de medicamentos entre idosos atendidos em uma unidade básica de saúde da família. **Cogitare Enfermagem**, v. 21, n. 1, 2016.

BORTOLON, P. C.; MEDEIROS, E. F. F.; NAVES, J. O. S.; KARNIKOWSKI, M. G. O.; NÓBREGA, O. T. Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 1219-1226, 2008.

CASCAES, E. A.; FALCHETTI, M. L.; GALATO, D. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 37, n. 1, p. 63-69, 2008.

DE ALMEIDA SILVA, Y.; FONTOURA, R. Principais Consequências da Automedicação em Idosos. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, v. 3, n. 1, p. 69-75, 2014.

[Digite aqui]

DE MELO, L. S.; ERCOLE, F. F.; DE OLIVEIRA, D. U.; PINTO, T. S.; VICTORIANO, M. A.; ALCOFORADO, C. L. G. C. Infecção do trato urinário: uma coorte de idosos com incontinência urinária. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 4, 2017.

DE PAULA JÚNIOR, J. D.; JÚNIOR, J. C. B.; GONÇALVES, J. C.; OLIVEIRA, A. V.; REIS, M. R. G. Prática de polifarmácia por idosos cadastrados em unidade de atenção primária. **Investigação**, v. 13, n. 2, 2014.

FERNANDES, W. S.; CEMBRANELLI, J. C. SELF MEDICATION AND IRRATIONAL USE OF MEDICATIONS: ROLE OF PROFESSIONAL PHARMACIST TO COMBAT THIS PRACTICE. **Revista Univap**, v. 21, n. 37, p. 5-12, 2015.

GOULART, L. S.; CARVALHO, A. C.; LIMA, J. C.; PEDROSA, J. M.; LEMOS, P. L.; OLIVEIRA, R. B. Consumo de medicamentos por idosos de uma Unidade Básica de Saúde de Rondonópolis/MT. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 19, n. 1, 2014.

LOPES, F. A. M.; MONTANHOLI, L. L.; SILVA, J. M. L.; OLIVEIRA, F. A. Perfil epidemiológico em idosos assistidos pela Estratégia Saúde da Família. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, v. 3, n. 1, 2014.

Loyola Filho, A. I. D., Uchoa, E., Firmo, J. D. O. A., & Lima-Costa, M. F. (2005). Estudo de base populacional sobre o consumo de medicamentos entre idosos: Projeto Bambuí. *Cadernos de Saúde Pública*, 21, 545-553.

LOYOLA FILHO, A.

I.; UCHOA, E., FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA, M. F. Estudo de base populacional sobre o consumo de medicamentos entre idosos: Projeto Bambuí. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, p. 545-553, 2005.

MARIN, M. J. S.; CECÍLIO, L. C. O.; PEREZ, A. E. W. U. F.; SANTELLA, F.; SILVA, C. B. A.; FILHO, J. R. G.; ROCETI, L. C. Caracterização do uso de medicamentos entre idosos de uma unidade do Programa Saúde da Família. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, p. 1545-1555, 2008.

MAYOLO, T.; FERNANDES, L. C. Análise da prática de automedicação em uma drogaria de Arroio do Meio-RS. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 4, n. 3, 2012.

MONTEIRO, S. C. M.; DE AZEVEDO, L. S.; BELFORT, I. K. P. Automedicação em idosos de um programa saúde da família, Brasil. **Infarma-Ciências Farmaceuticas**, v. 26, n. 2, p. 90-95, 2014.

OLIVEIRA, M. A.; FRANCISCO, P. M. S. B.; COSTA, S.; BARROSM. B. A. B. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, p. 335-345, 2012.

SANTELLA, F. H.; REDIGOLO, E.; TONIELLO, W. M. M.; MONTEIRO, S. C. M. Perfil da automedicação em idosos no Município de Barretos/São Paulo/Brasil. **Infarma-Ciências Farmacêuticas**, v. 25, n. 1, p. 32-36, 2013.

[Digite aqui]

SANTOS, T. R. A. et al. Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia, Brasil. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 47, p. 94-103, 2013.

SANTOS, T. R. A.; LIMA, D. M.; NAKATANI, A. Y. K.; PEREIRA, L. V.; LEAL, G. S.; Rita Goreti AMARAL, R. G. Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 47, p. 94-103, 2013.

SCHMID, B.; BERNAL, R.; SILVA, N. N. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, p. 1039-1045, 2010.

VALENÇA, C. N.; GERMANO, R. M.; DE MENEZES, Rejane Maria Paiva. A AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS E O PAPEL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE E DA ENFERMAGEM. *Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE*, v. 4, n. 3, 2010.